

Sumário

Apresentação	17
Prefácio	21
Capítulo I • A natureza modificada do agir humano	
I. O exemplo da Antigüidade	31
1. <i>Homem e natureza</i>	31
2. <i>A obra humana da “cidade”</i>	33
II. Características da ética até o momento presente	35
III. Novas dimensões da responsabilidade	39
1. <i>A vulnerabilidade da natureza</i>	39
2. <i>O novo papel do saber na moral</i>	41
3. <i>Um direito moral próprio da natureza?</i>	41
IV. Tecnologia como “vocação” da humanidade	43
1. <i>Homo faber acima do homo sapiens</i>	43
2. <i>A cidade universal como segunda natureza e o dever ser do homem no mundo</i>	44
V. Velhos e novos imperativos	47
VI. Antigas formas da “ética do futuro”	51
1. <i>Ética da consumação no mais-além</i>	51
2. <i>A responsabilidade do estadista com o futuro</i>	53
3. <i>A utopia moderna</i>	54
VII. O homem como objeto da técnica	57
1. <i>Prolongamento da vida</i>	57
2. <i>Controle de comportamento</i>	59
3. <i>Manipulação genética</i>	61
VIII. A dinâmica “utópica” do progresso técnico e o excesso de responsabilidade	63
IX. O vácuo ético	65

Capítulo II • Questões de princípio e de método

I. Saber ideal e saber real na “ética do futuro”	69
1. <i>Prioridade para a questão dos princípios</i>	69
2. <i>Ciência factual dos efeitos distantes da ação técnica</i>	70
3. <i>Contribuição dessa ciência ao saber dos princípios:</i> <i>a heurística do medo</i>	70
4. O “primeiro dever” da ética do futuro: <i>visualizar os efeitos de longo prazo</i>	72
5. O “segundo dever”: <i>mobilizar o sentimento</i> <i>adequado à representação</i>	72
6. <i>A insegurança das projeções futuras</i>	73
7. <i>O conhecimento do possível é heurísticamente</i> <i>suficiente para a doutrina dos princípios</i>	73
8. <i>O conhecimento do possível é aparentemente inutilizável</i> <i>para o emprego dos princípios na política</i>	74
II. Primazia do mau prognóstico sobre o bom	77
1. <i>As probabilidades nas apostas altas</i>	77
2. <i>A dinâmica cumulativa dos desenvolvimentos técnicos</i>	78
3. <i>A essência sacrossanta do sujeito da evolução</i>	79
III. O elemento da aposta no agir	83
1. <i>Posso arriscar os interesses de outros em minha aposta?</i>	83
2. <i>Tenho permissão para apostar a totalidade</i> <i>dos interesses dos outros?</i>	84
3. <i>O melhorismo não justifica apostas totais</i>	85
4. <i>A humanidade não tem direito ao suicídio</i>	85
5. <i>A existência “do homem” não pode ser objeto de aposta</i>	86
IV. O dever para com o futuro	89
1. <i>A extinção da reciprocidade na ética do futuro</i>	89
2. <i>O dever diante da posteridade</i>	89
3. <i>Dever de existir e do modo de existir da posteridade</i>	90
a. <i>É necessário justificar o dever de ter uma posteridade?</i>	91
b. <i>Prioridade do dever da existência</i>	92
c. <i>O primeiro imperativo: que exista uma humanidade</i>	93
4. <i>Responsabilidade ontológica pela idéia do homem</i>	94
5. <i>A idéia ontológica engendra um</i> <i>imperativo categórico, não hipotético</i>	94

6. Dois dogmas: “nenhuma verdade metafísica”; “nenhum caminho do é para o deve”	95
7. Sobre a necessidade da metafísica	96
V. Ser e dever	99
1. O dever-ser de algo	99
2. A preferência do Ser diante do nada e o indivíduo	99
3. O sentido da pergunta de Leibniz “Por que existe algo em vez de nada?”	100
4. A questão de um possível dever-ser deve ser respondida independentemente da religião	101
5. Voltando-se para a questão sobre o status do “valor”	102

Capítulo III • Sobre os fins e sua posição no Ser

I. O martelo	109
1. Constituído a partir do fim	109
2. O lugar do fim não está na coisa	109
II. O tribunal	111
1. Imanência do fim	111
2. Invisibilidade do fim no aparelho físico	112
3. O meio não sobrevive à imanência do fim	113
4. Indicação do fim por meio de instrumentos materiais	113
5. Tribunal e martelo: o homem como a sede da finalidade	114
III. O andar	117
1. Meios artificiais e naturais	117
2. A diferença entre meio e função (uso)	117
3. Ferramenta, órgão e organismo	119
4. O encadeamento subjetivo de fins e meios no agir humano	119
5. Divisão e mecânica objetiva do encadeamento no agir animal	120
6. O poder causal dos fins subjetivos	127
IV. O órgão digestivo	129
1. A tese do caráter puramente ilusório da finalidade no organismo físico	129
2. A causalidade final limita-se aos seres dotados de subjetividade? ...	130
a. A interpretação dualista	130
b. A teoria monista da emergência	131

3. <i>Causalidade final na natureza pré-consciente</i>	134
a. A abstinência das ciências naturais	134
b. O caráter ficcional da abstinência e sua autocorreção pela existência científica	135
c. O conceito de finalidade mais além da subjetividade: compatibilidade com as ciências naturais	136
d. O conceito de fim para além da subjetividade: o sentido do conceito	138
e. O querer, oportunidade e canalização da causalidade	140
V. A realidade da natureza e a validade: da questão do fim à questão do valor	143
1. <i>Universalidade e legitimidade</i>	143
2. <i>Liberdade para negar o decreto da natureza</i>	144
3. <i>O caráter não comprovado da obrigação de afirmar o decreto</i>	145

Capítulo IV • O bem, o dever e o Ser: teoria da responsabilidade

I. Ser e dever	149
1. <i>“Bem” e “mal” relativamente à finalidade</i>	149
2. <i>A finalidade como bem em si</i>	150
3. <i>A auto-afirmação do Ser na finalidade</i>	151
4. <i>O “sim” da vida, um “não” enfático ao não-ser</i>	151
5. <i>Para o homem, o “sim” ontológico tem a força de um dever</i>	152
6. <i>O caráter problemático de um dever distinto do querer</i>	153
7. <i>“Valor” e “bem”</i>	154
8. <i>Fazer o bem e o Ser do agente: a predominância da “causa”</i>	156
9. <i>O aspecto emocional da moral na teoria ética até a atualidade</i>	159
a. O amor ao “bem supremo”	159
b. Agir por agir	160
c. O “respeito à lei” de Kant	161
d. O ponto de vista da investigação seguinte	163
II. Teoria da responsabilidade: primeiras distinções	165
1. <i>Responsabilidade como imputação causal de atos realizados</i>	165
2. <i>Responsabilidade pelo que se faz: o dever do poder</i>	167
3. <i>O que significa “agir de forma irresponsável”?</i>	168
4. <i>Responsabilidade: uma relação não-recíproca</i>	169
5. <i>Responsabilidade natural e responsabilidade contratual</i>	170

6. A <i>responsabilidade livremente escolhida do homem político</i>	171
7. <i>Responsabilidade política e responsabilidade parental: contrastes</i> ..	173
III. Teoria da responsabilidade: pais e homem	
de Estado como paradigmas eminentes	175
1. <i>O primeiro objeto de responsabilidade são outros homens</i>	175
2. <i>A existência da humanidade: o “primeiro imperativo”</i>	176
3. <i>“Responsabilidade” do artista pela sua obra</i>	177
4. <i>Pais e homem público: a totalidade da responsabilidade</i>	179
5. <i>Interpenetração de ambas as responsabilidades no objeto</i>	181
6. <i>Analogias quanto ao sentimento</i>	182
7. <i>Pais e homem público: continuidade</i>	185
8. <i>Pais e homem público: futuro</i>	186
IV. Teoria da responsabilidade: o horizonte do futuro	
1. <i>O objetivo da educação: ser adulto</i>	189
2. <i>O dever histórico não é comparável ao dever orgânico</i>	189
3. <i>“Juventude” e “velhice” como metáforas históricas</i>	191
4. <i>A ocasião histórica: reconhecimento sem previsão</i> <i>(Filipe da Macedônia)</i>	193
5. <i>O papel da teoria na previsão: o exemplo de Lenin</i>	193
6. <i>Predição a partir de um saber analítico das causas</i>	194
7. <i>A predição a partir de uma teoria especulativa: o marxismo</i>	195
8. <i>A teoria auto-realizável e a espontaneidade da ação</i>	197
V. Até onde se estende a responsabilidade política no futuro?	
1. <i>Toda arte de governar é responsável pela possibilidade</i> <i>de uma futura arte de governar</i>	201
2. <i>Horizontes próximos e distantes sob</i> <i>o domínio de uma mudança constante</i>	202
3. <i>A expectativa do progresso técnico-científico</i>	204
4. <i>O marco temporal ampliado da responsabilidade coletiva atual</i>	206
VI. Por que a responsabilidade não esteve	
até hoje no centro da teoria ética?	209
1. <i>O circuito mais estreito do saber e do poder:</i> <i>o objetivo da permanência</i>	209
2. <i>A ausência de dinâmica</i>	210
3. <i>A orientação “vertical” e não “horizontal”</i> <i>das éticas anteriores (Platão)</i>	211

4. <i>Kant, Hegel, Marx: o processo histórico como escatologia</i>	213
5. <i>A inversão contemporânea do enunciado:</i> <i>“você pode, porque você deve”</i>	215
6. <i>O poder do homem: a raiz do “deve-se” da responsabilidade</i>	216
VII. <i>A criança: o objeto originário da responsabilidade</i>	219
1. <i>O “deve-se” elementar no “é” do recém-nascido</i>	219
2. <i>Os apelos menos urgentes de um “dever ser”</i>	221
3. <i>A evidência arquetípica do recém-nascido</i> <i>para a essência da responsabilidade</i>	223

Capítulo V • A responsabilidade hoje: o futuro ameaçado e a idéia de progresso

I. <i>Futuro da humanidade e futuro da natureza</i>	229
1. <i>Solidariedade de interesse com o mundo orgânico</i>	229
2. <i>O egoísmo das espécies e seu resultado simbiótico global</i>	229
3. <i>A perturbação do equilíbrio simbiótico pelo homem</i>	230
4. <i>O perigo revela o “não ao não-ser” como nosso dever primordial</i> ...	231
II. <i>A ameaça tenebrosa contida no ideal baconiano</i>	235
1. <i>A ameaça de catástrofe decorrente do êxito excessivo</i>	235
2. <i>Dialética do poder sobre a natureza e a compulsão de exercê-la</i>	236
3. <i>A busca de um “poder sobre o poder”</i>	237
III. <i>Capitalismo ou marxismo: quem está mais bem preparado para enfrentar o perigo?</i>	239
1. <i>O marxismo como executor do ideal baconiano</i>	239
2. <i>Marxismo e industrialização</i>	240
3. <i>Avaliação das possibilidades de enfrentar o perigo tecnológico</i>	241
a. <i>Economia das necessidades versus economia do lucro:</i> <i>burocracia versus livre empresa</i>	242
b. <i>A vantagem de um poder governamental total</i>	243
c. <i>A vantagem de uma moral ascética das massas</i> <i>e a questão da duração do comunismo</i>	244
d. <i>Pode o entusiasmo pela utopia transmutar-se</i> <i>em entusiasmo pela austeridade? (Política e verdade)</i>	246
e. <i>A vantagem da igualdade para a disposição a sacrifícios</i>	248
4. <i>Resultado provisório da comparação: a vantagem do marxismo</i>	249

IV. Exame concreto das possibilidades abstratas	251
1. <i>Motivação de lucro e incitação à maximização no Estado nacional comunista</i>	251
2. <i>O comunismo mundial não é imune ao egoísmo econômico regional</i>	253
3. <i>O culto da técnica no marxismo</i>	254
4. <i>A sedução da utopia no marxismo</i>	256
V. A utopia do “homem verdadeiro”, o que está por vir	259
1. <i>O “super-homem” de Nietzsche como o futuro homem verdadeiro</i>	259
2. <i>A sociedade sem classes como condição para o futuro homem verdadeiro</i>	260
a. Superioridade cultural da sociedade sem classes?	261
b. Superioridade moral dos cidadãos em uma sociedade sem classes?	262
c. Bem-estar material como condição causal da utopia marxista	263
VI. A utopia e a idéia de progresso	265
1. <i>Necessidade de despedir-se do ideal utópico</i>	265
a. O perigo psicológico da promessa de bem-estar	265
b. Verdade e falsidade do ideal e o dever dos responsáveis	266
2. <i>A problemática do “progresso ético”</i>	267
a. Progresso no indivíduo	267
b. Progresso na civilização	269
3. <i>Progresso na ciência e na técnica</i>	269
a. O progresso científico e o seu preço	270
b. O progresso técnico e sua ambivalência ética	271
4. <i>Sobre a moralidade das instituições sociais</i>	273
a. Os efeitos desmoralizantes do despotismo	273
b. Os efeitos desmoralizantes da exploração econômica	274
c. O “bom Estado”: liberdade política e moralidade civil	276
d. A natureza concessiva dos sistemas libertários	280
5. <i>Sobre os tipos de utopia</i>	281
a. O Estado ideal e o melhor dos Estados possíveis	281
b. A novidade da utopia marxista	282

Capítulo VI • A crítica da utopia e a ética da responsabilidade

I. Os condenados da Terra e a revolução mundial	289
1. <i>Mudança da situação da “luta de classes” por causa da nova distribuição planetária do sofrimento</i>	289
a. A pacificação do “proletariado industrial” ocidental	290
b. A luta de classes como luta de nações	292
2. <i>Respostas políticas para a nova situação de luta de classes</i>	294
a. A política global no interesse nacional	294
b. O apelo à violência em nome da utopia	295
II. A crítica da utopia marxista	299
A. <i>Primeiro passo: as condições materiais, ou sobre a possibilidade da utopia</i>	299
1. <i>“A reconstrução do planeta Terra” por meio da tecnologia liberada</i>	299
2. <i>Os limites de tolerância da natureza: utopia e física</i>	300
a. O problema da alimentação	302
b. O problema das matérias-primas	302
c. O problema energético	303
d. O problema térmico último	305
3. <i>A oferta permanente de uma economia de energia e seu veto à utopia</i>	306
a. Progresso com precaução	306
b. A modéstia dos fins <i>versus</i> o excesso da utopia	307
c. Por que é ainda necessária uma crítica interna do ideal, uma vez demonstrada a sua impossibilidade externa	308
B. <i>Segundo passo: o sonho traduzido em realidade, ou sobre o caráter desejável da utopia</i>	310
1. <i>A determinação material do estado utópico</i>	310
a. O reino da liberdade de Karl Marx	311
b. Ernst Bloch e o paraíso terrestre do lazer ativo	315
(i) “A feliz união com o espírito”	316
(ii) O <i>hobby</i> e a dignidade humana	319
2. <i>Análise crítica do “hobby como vocação”</i>	322
a. Perda de espontaneidade	322
b. Perda da liberdade	324
c. Perda da realidade e da dignidade humana	327
d. Sem necessidade não há liberdade: a dignidade do real	328

3. Outros conteúdos do lazer: as relações inter-humanas	329
4. A natureza humanizada	333
5. Por que, uma vez refutada da concepção do futuro, ainda é necessária a crítica à concepção do passado	336
C. Terceiro passo: o contraste negativo do sonho, ou a natureza provisória de toda a história precedente	337
1. A ontologia do “não ser ainda” de Ernst Bloch	337
a. A diferença entre esse “ainda não” e outras doutrinas do Ser inacabado	338
b. A “prefiguração do justo” e a “hipocrisia” no passado	340
2. O “já ali” do verdadeiro homem	343
a. A ambivalência faz parte do homem	343
b. O erro antropológico da utopia	344
c. O passado como fonte do conhecimento sobre o homem	345
d. A “natureza” do homem aberta ao bem e ao mal	345
e. Melhora das condições sem o engodo da utopia	346
f. O fim em si de todo presente histórico	347
III. Da crítica da utopia à ética da responsabilidade	349
1. A crítica da utopia foi a crítica da técnica levada ao extremo	349
2. O sentido prático da refutação do sonho	350
3. A ética não-utópica da responsabilidade	351
a. Medo, esperança e responsabilidade	351
b. Preservar a “imagem e semelhança”	353